

Borboleta oitenta e nove

Tavinho Moura



A rua subia sem pressa, deixava para trás os sussurros, a maquinaria musical do bonde, a fábrica. Seguia espaçada margeada pela ausência de meios-fios, guardada pelas casas que deixavam jardins se estenderem à beira do calçamento. Devagar escalava, se alastrava morro acima e aí curvava seu traçado para o lado direito com casas no alto, assentadas apenas de um lado, distantes dos passeios.

Do lado oposto um jardim nativo, muito variado nos verdes, com buliçoso murmurinho d'água, trovas de sapos e grilos à noite. Indiferente aos jardins cuidados das casas, o brejo se resolvia em espaços conquistados

onde conjuntos de variadas plantas mostravam coerência. Ovalado campinho de terra acompanhava a curva da rua, com peladas depois das aulas que entravam pela noite. Nas manhãs de bons ventos era meu lugar de soltar papagaio. Meu pai recortou no centro da folha branca o escudo do Flamengo, montou o mosaico, deixou pronto o artefato equilibrado que me fazia escravo, com os olhos agarrados no céu. Quando voltava das aulas que dava, aproximou-se sem perceber que a sombra chega primeiro, contemplava meu orgulho, o papagaio fechava em leque. Naturalmente eu disse em voz baixa: Getúlio Vargas morreu! Ainda esperei e disse: foi suicídio. Ameaçou gestos, temia minha mentira. Deu no rádio, seu Adilson chorou. O véu negro pondo olhos no Brasil, nossos sonhos de futuro, Brasil dos desenganados, falava para si. Ainda ouço a voz do assassino dentro de um terno bem passado. A cozinheira veio atropelando os matos, mas a notícia já estava dada.

Depois do campinho vinham as pedreiras espaçadas donas de muitos esconderijos, uma nascente que deixava aguadas espigadas de taboas e ao final: a Mata da Glória. Uma floresta de brenhas com corredores de árvores altas e pequenas clareiras onde caminhos se cruzavam no sombreado que cheirava mato molhado. Luz do sol passava filtrada, vinha em fachos que pareciam vidraças, até onde a mata ficava intransponível. Ali havia rumores da existência de estranhos percevejos e almas cujas vozes abobalhavam quem ficasse ouvindo. E ainda a Pedra do Riso, a gente encostava o ouvido e escutava a zomba. Quando o mato exalava incenso de cipreste diziam que sombras caminhavam sozinhas. Na pouca luz a pedra tomava forma de túmulo, morada do corpo de um escravo velho, da cabeceira se ouvia: a vida está pela hora da morte... É água que nasceu e não brotou, ficou remoendo dentro do oco, diziam os incrédulos. Musgos de presépio e penas raras caíam do céu, libélulas impacientes em voos desordenados pousavam nas mãos, nos braços, atraídas pelo suor e o perfume que penetrava a pele.

Pássaros incomuns eram vistos nas árvores de troncos musgados, marchetadas de líquens, galhos paramentados de bromélias barba de velho.

Mata da Glória, território onde Jobibe e Tito gostavam de caçar borboletas. Armavam armadilhas, encontravam as mais raras. Estampavam com toda ciência em fundo preparado nas caixas de charuto de boa madeira com tampo e fecho, os insetos em perfeito estado para conservação. Borboleta de vidro, pingos de prata, moleque da mata, rabo-de-andorinha, asa de folha, oitenta e oito. Foi ali também que viram uma única vez a borboleta oitenta e nove. Estava pousada num tronco de embaúba, inatingível, com acesso proibido pelos fechos de tabocas. Sugava alguma substância que essas árvores segregam. Uma fêmea, elas é que têm esse comportamento e devia estar pronta para a desova. Não era a oitenta, nem a oitenta e oito, era caprichosamente uma nunca vista borboleta oitenta e nove. Mas não seria uma fraude? Um defeito de fábrica?... Nas asas anteriores, quando abertas a cor de fundo era o preto. Dispunham as escamas coloridas que deixava uma vírgula amarela, um vergão magenta. Nas asas posteriores duas correntes de pequenos ocelos azul-real. De asas fechadas, os números em preto e amarelo eram zelados por um fio branco.

Jogaram então um graveto na esperança de no voo alcançá-la com o puçá. Ela simplesmente contornou a madeira se escondendo de vez. Armaram o coador: prato de bananas picadas com rede de filó descendo quase até as bordas. Essa armadilha era infalível, na manhã seguinte ela estaria se debatendo na malha.

Inquietação tomou conta, pois havia a ameaça dos passarinhos, da ariramba, exemplar caçadora, do bico-virado que vasculha em escalada o caule lenhoso até os galhos.

Contar a ninguém contaram, aquilo era segredo a cera de lacre. Visitaram o professor, dono de uma coleção monumental, que acabava de chegar de uma excursão ao Rio Araguaia. Era francês, insetólogo, estudioso

das febres beira-rio. Com ele aprenderam o uso do extensor, a capturar e trabalhar com perfeição as borboletas sem deixar que perdessem escamas e peças do corpo. Travaram um diálogo cheio de rodeios até concluírem que o eminente nem sonhava com a existência da *papilon* oitenta e nove.

Nas manhãs o brejo soprava a aragem do que foi exalado à noite. O mato parecia dormir, não permitia que se esbarrasse em nada. Aquecidas, as plantas iam abrindo seus baús. Joaninhas saíam de seus interiores. Nos cipós, nas ipomeias viviam as quadriculadas puladeiras. Nos peitoris de bananinhas passeavam riscadinhas, furta-cor e australiana.

A joaninha-branca era mais rara, nas folhas pintadas se camuflava e nas hastes se confundia com cochonilhas esponjosas.

Minha avó ficava sentada na varanda envolta em um xale, espiando o tempo. Abria seu cofre de imagens e narrava contemplativa as riquezas que viveu. Guardava um frasco fino de perfume vedado por uma rolha de borracha que virava as bordas. Coisa protegida, vigiada à tropa, o frasquinho cheio de ouro em pó. Minha infância de menina foi em Itabirito, ali a mineração era forte. Passada a chuva, escorrida a enxurrada, nos veios deixados pela água entre as pedras do calçamento eu recolhia a fina areia amarelinha.

Tinha um menino, Tuniqum, muito sabido. A mãe lavadeira cuidava e ele estava sempre asseado sentado na trincheira do meio-fio. Rebatia bola contra os barrancos, dançava com ela enquanto celebrava alguma coisa. Foi ele quem me mostrou na folha do pé de batata doce a pedrinha de ouro. A pequena joia que tremulava o olhar, aquela luzinha aurífera que logo abriu as asas e voou — uma joaninha cor de ouro. Quando a segurei entre os dedos vi que mudou de cor, perdeu brilho, avermelhou descorada em sua defesa. É bom ter vivido naquele tempo.

Discreta a rua corria seu caminho despertada pelo pregão do verdureiro, pela sineta do leiteiro. Seu Nelson deixava que eu levasse a carroça até o fim da rua, até onde ela ficava descalça, numa mistura de pedra e grama e acabava em dois pilares que sustentavam um portão já muito enferrujado, faltando pedaços de sua implicada serralheria. Era a entrada da Fazenda do Barão. Ali se viveu o que havia de mais elevado. Sobrou fama de terem sido desmedidos, que se divertiam a bom tamanho.

Parecia iluminado o caminho de pedras escuras que levava até a casa, ladeado pelos penachos das palmeiras imperiais, descia até a sede. Lembrava um quartel a casa janelada, duas alturas, com telhado de muitas águas coberto de telhas meia-cana. À frente o suporte do sino que despertava e pontuava os afazeres. Jardins, laranjais, fonte d'água, roda de moinho, era nosso território de brincar. No entorno, serras altas riscadas de apagadas curvas das antigas plantações de café. Por consequência, por conta do preço, tudo foi queimado. Os cafezais que sumiam de vista. A produção foi tanta que caiu de joelhos. Houve penhora. As sucatas guardavam a memória do gosto. Estava tudo ao descaso e em complicada sonata jurídica.

Na Canaã, parte baixa beira-rio, ficava o mausoléu. Criado em granito e bronze por artistas, artesãos vindos de São Paulo, circundado por pequena grade e ali, para paz de sua alma, o Barão foi enterrado. Na laje superior arcanjos portando nas mãos ramos de folhas e frutos de café, nas laterais o brasão da família: coroa de nobre pelo título que possuía, armas, folhas e flores de louro. Na frente um epigrama: *fortiter in re, suaviter in modo*. Deixou em testamento que queria ser enterrado junto aos viveiros de mudas, naquela terra roxa onde produziu suas melhores sementes. Num ano chuvoso, num dezembro torrencial faleceu o Barão. Velório concorrido, mas o enterro não pôde ser realizado. A terra ficou encharcada, um canteiro de olhos d'água transformou a lápide em um reservatório. O tanque foi esvaziado para que no dia seguinte se pudesse realizar o sepultamento. Dois

dias depois de muita chuva afastaram a laje da lápide e o esquife boiava com o defunto dentro à beira do transbordo. Mais duas tentativas e a terra roxa minava, rejeitava o Barão. Foi então que decidiram enterrá-lo no cemitério de cima. Junto aos imigrantes italianos e os escravos. Aí passou a amendrontar, seu espectro transparecia, era visto em toda forma de assombramento anos a fio até que mandaram remover os restos e enterrá-los na Canaã. Dizem que quietou guardado dentro de sua tumba, como um fausto.

Dona Jandira era descendente, único patrimônio vivo que restou. Vivia com o marido e três filhos numa moradia, sobra da vila dos colonos no entorno da tulha do terreiro de secagem. Estava ali como um bem esquecido, sem ninguém que lhe pagasse salário, contrariada pelas obrigações que fazia. Não aprovava nossa presença, ralhava em resmungo de fala guardada. Ela e os filhos comiam terra. Usavam uma capanginha de meia atada à cintura onde guardavam as bolotas trabalhadas pelas minhocas, lisinhas, em forma de bala que chupavam como pastilha. Tito não se acanhava, sua curiosidade aguçava diante do espontâneo daquela alimentação. O amarelado dos meninos de cor parda chamava sua atenção, a pele havia perdido o viço. Regulavam conosco, aos poucos acabavam na roda como valiosa companhia. Tinham que ser atraídos, não atendiam a chamado, pareciam bicho do mato embolados na quina da porta. Jobibe exibia um cinturão de espoletas com garrucha pica-pau, pronto como capitão do mato. Tito tinha sempre alguma coisa para compensá-los pela amizade. Ia com eles revirar madeira podre, procurar pelos torrões. Observava que saciavam o desejo quando entravam em estado de desânimo, tonturas, enjoos. Quando disse à Dona Jandira que o avô era médico, que encontraria uma solução para que perdessem aquele hábito, ela deu de ombros: esses modos são próprios, quem come terra não fica papudo.

Relatava ao avô suas anotações e ouvia dele inúmeras explicações sobre os esfomeados parasitas que se alojam e perfuram o intestino. Essa gente sofre fome de cuia vazia, de cheiro de nada. Não têm magra polenta pela manhã. Uns poucos sonham com generosa profusão de cereais, enquanto o Brasil está sendo devorado aos nacos e com muita pressa. Esses coitados estão comendo o pedacinho deles. Recomende à Dona Jandira que masque fumo, é um vício pelo outro.

O marido, Seu Floriano, era manco, portador de uma doença que nem se pronunciava o nome. Contagiosa. Razão de nossa proibição severa: nem pensar virar a esquina na direção da fazenda. Vivia de idas e vindas ao Sanatório Belo Horizonte. Homem de traços miúdos, ossos aparentes, em um dos pés o dedo sempre enfaixado arrastava uma ponta branca suja. Seu Floriano era músico. Ficava sentado num toco debaixo do mesmo arbusto vestido numa farda velha, com ombreiras de músico de banda. O clarinete percorria o corpo seguro por uma correia que rodeava o pescoço. Quando entreaberta a porta da casa a gente podia ver as partituras que escrevia coladas nas paredes grafadas em frágeis papéis de embrulhar pão. Umas sobre as outras, revestindo os cômodos. Dobrados, marchas, lundus, em silêncio, mas que vibravam no ar daquela casa quando à noite deitado no estrado, de olhos fixos na parede, ouvia suas músicas executadas por bandas completas, dentro daquela fantasia. Seu Floriano morreu, o branco da cal escureceu tudo, a casa caiada por dentro e por fora como que para extinguir a doença.

Nossa casa de número baixo ficava no início do quarteirão. Uma escada em ziguezague subia três lances sombreada pelo tresmalho dos fios da sete-léguas, até alcançar a área de entrada: apertado caminho de pedras, ladeado de arbustos de jardim e estreitos canteiros de gerânios. Adiante, convidativa varanda em arcos com degraus de escada em meia-lua,

jardineiras de parapeito, móveis de ferro torcido aplicados de folhas e pés de borracha dispostos sobre chão de ladrilhos.

O mobiliário da sala feito pelas mãos marceneiras de meu pai, relógio de parede com melodia das horas e uma espantosa Santa Ceia no alto da parede, esculpida a canivete num bloco de gesso. O busto de Chopin ficava na escrivaninha, no estreito escritório, junto ao tinteiro e ao mata-borrão. De quanta coisa dispõe uma casa!

Na entrada lateral um barranco tomado de avencas desprendia uma goiabeira retorcida que oferecia o galho certo para as cordas do balanço. Era meu canto, ficava horas de corpo recostado, as pernas dando o galeio. Foi ali que vi uma única vez, sugando na umidade da pequena encosta uma borboleta com o numeral oitenta e nove rabiscado na sua asa fechada. Eu tinha um belo exemplar da borboleta oitenta e oito, mas a cada fração de segundo comprovava o nove. Era oitenta e nove. Percorri milimetricamente cada detalhe daquela raridade. Seus pares de pernas, olhos grandes, antenas pontilhadas. A tromba estava desenrolada, sugava alguma coisa enquanto exercitava um calmo abrir e fechar de asas. Oitenta e nove, em desenhos puros, paralisada no gozo da refeição. Pensei subir no muro, gritar pelo Tito, que viesse correndo ver minha descoberta. Aquele objeto mínimo em segundos deu início a um voo de excelentes acrobacias corporais. Como uma folha desprendida seguia sem critérios por um rio imaginário, parecia possuir uma chave do tempo e nele desapareceu.

O corredor seguia até desaguar no quintal onde havia um quarador, canteiros em desordem e um galinheiro sobre palafitas fechado ao fundo por um arrimo natural de muitos metros comum a todas as casas. Havia ainda um barracão meia água, oficina de poucas máquinas e território da cadela Luna. Aquele loteamento havia roubado da base do Morro do Cristo caminhões de terra em um corte vertical assombroso.

Luna era da raça dinamarquês, olhos marinhos, de pelo amarelo e branco e naquele dezembro celebrava dois anos na boa-casa. Chovia muito quando chegamos era tarde da noite. Luna não veio nos acolher, ausência que não foi reparada porque fazia apenas uma semana que havia nos presenteado com quatro filhotes.

A manta de água batia forte, com o vento caminhava sobre as telhas. Depois que todos se acomodaram ouviu-se um gemido alto, único. Foi no instante em que a chuva perdeu vigor, respirou uma pausa. Naquele exato ela se fez ouvir. Uma mistura de aflição e alerta despertou a certeza de que algo tinha acontecido. Fraca luz de lanterna passeava pelas trêmulas mãos do meu pai e nos conduzia cautelosos ao encontro do que poderia ser. A enxurrada descia de altura descomunal barranca abaixo, enlameava parte da cozinha, quase impedia que a porta fosse aberta. Junto à entrada da pequena oficina Luna estava estirada, olhar fixo na direção do caixote onde estavam os filhotes. Dentro da caixa uma jararacuçu saciava fome.

Nas palavras de Seu Nelson Leiteiro as máquinas começavam o desbaste no meio da noite. Pegaram o morro pouco abaixo da crista e vieram rompendo, fazendo a francha de uma extremidade à outra. A molecada logo descobriu o escorregador e se deixavam rolar pirambeira abaixo no colchoado macio. Deitavam na beira do declive, escondidos após a pequena trincheira que ia sendo formada, esperavam pela máquina que vinha com a lâmina e empurrava tudo ribanceira abaixo. Desde que me lembro ouvia contar que em nossa casa estava enterrado um menino que o trator não empurrou, a caçamba saltou o corpo e as esteiras moeram o coitado. Mas isso era dito de todos os quintais, de todas as casas.